



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

### **ENTRELAÇANDO LUTAS PELA VIDA: trabalho e educação de mulheres em comunidades rurais**

Ana Elizabeth Santos Alves\*  
(UESB)

Daiane Santos de Andrade\*\*  
(UESB)

Rozeli Santos Silva\*\*\*  
(UESB)

Viviane dos Anjos Novaes\*\*\*\*  
(UESB)

#### **RESUMO**

Este artigo tem o objetivo de discutir as condições de trabalho e de educação no núcleo de produção familiar em quatro comunidades rurais do município de Planalto, BA. A análise é fruto dos estudos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa História, Trabalho e Educação do Museu Pedagógico, a partir de observações no lugar e de entrevistas realizadas com mulheres. Foram privilegiadas as reflexões sobre a centralidade do trabalho como categoria de análise, especialmente o trabalho doméstico. Concluiu-se que a organização do trabalho familiar ainda é responsabilidade das mulheres e as atividades desenvolvidas por elas são ampliadas pelo trabalho na roça. A principal contradição presente nessa relação consiste na desvalorização e não remuneração do valor do tempo de trabalho despendido por elas na labuta diária, essencial para a reprodução da força de trabalho.

---

\*Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-graduação em Memória, Linguagem e Sociedade – UESB e da Graduação do DFCH/UESB; Grupo de Pesquisa Museu Pedagógico: História, Trabalho e Educação. Orientadora. Email: ana\_alves183@hotmail.com

\*\*Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista de Iniciação Científica da UESB.

\*\*\*Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista de Iniciação Científica FAPESB.

\*\*\*\*Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista de Iniciação Científica CNPq.



**PALAVRAS-CHAVES:** Trabalho doméstico – Educação – Mulheres rurais

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de discutir as condições de trabalho e de educação no núcleo de produção familiar em quatro comunidades rurais do município de Planalto, BA. A análise é fruto dos estudos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa História, Trabalho e Educação do Museu Pedagógico, com base em observações e entrevistas colhidas no lugar<sup>1</sup>, privilegiando as reflexões sobre a centralidade do trabalho como categoria de análise, especialmente o trabalho doméstico. O ponto de partida para entender o tema desta comunicação está no conflito ou contradição da luta pela vida, presente nos depoimentos de mulheres, sujeitos da nossa pesquisa, na labuta diária do trabalho na roça e fora dela, no cuidado da casa e dos filhos, como também na luta pela organização da Associação de Pequenos Agricultores.

(...) depois que eu me casei, lá a **luta** também foi grande, né? Trabalhava na roça, ajudava meu irmão. Era eu, meu irmão e minha mãe que morava junto, meus pais eram separados, e vivi, cresci e fiquei aqui até os dezenove anos, aí depois eu casei e mudei pra qui, e a batalha continuou (...) (Elieide, 33 anos, entrevista realizada em 13/06/2012)

(...) a história minha muito cansada, porque naquele tempo tudo era assim devagar as coisinhas pra gente, tinha por muito sofredor, é era briquitador (sic) com a vida assim de caçar jeito de coisinha e quase passando precisão e era essas **luitas** todas (...) (Anelita, 68 anos, entrevista realizada em 13/06/2012)

(...) eu tô **lutando** o dia todo dentro de casa, cuidando de um feijãozinho pro véi dar de comer um porco, vou dar de comer uma galinha (...) (Dona Santa, 84 anos, entrevista realizada em 02/07/2102)

Eu trabalhava, eu limpava capoeira, eu prantava feijão, eu limpava feijão, eu lavava roupa, eu buscava água, **luitava** com tudo (...) (Eudalba, 70 anos, entrevista realizada em 16/07/2012)

A gente formou a Associação por questão mesmo da história da comunidade, (...) a comunidade era uma comunidade carente. (...)

<sup>1</sup> Este texto é parte do projeto de pesquisa "A centralidade do trabalho e da educação nas histórias de vida de mulheres e homens em comunidades rurais". **Projeto financiado pelo CNPq**. O campo empírico da investigação se consistiu em quatro comunidades tradicionais rurais do município de Planalto, BA, localizado na Mesorregião do Centro-Sul Baiano, a 477 km da capital Salvador. Os dados para a pesquisa foram colhidos nos anos de 2012 a 2014 em visitas ao lugar e estudos realizados pelos pesquisadores do grupo.



A gente por ser líder de igreja começou a perceber diferente, que a gente poderia chegar a algum lugar. (...) A gente passava por dificuldade na questão produtiva, na questão de água, aí nós formamos a Associação pra ver se a gente conseguia aquela cisterna de placa (...) pra captar água da chuva (...) foi decidido por mulheres; a Associação toda durante quatro anos foi dirigida por mulheres. (Sandra, 31 anos, presidente da Associação dos Pequenos Agricultores, entrevista realizada em 05/09/2013)

O significado do vocábulo “luta” no Dicionário de Filosofia (ABBAGNANO, 2000, p. 869) remete o leitor a um conceito de “seleção natural”, que, por sua vez, o leva à expressão “luta pela vida - para assegurar a sobrevivência do mais apto”.

Um primeiro sentido que podemos atribuir à expressão “luta pela vida” encaminha para o entendimento das leis da teoria da seleção natural das espécies, segundo Darwin. Também é comum importar o uso dessa expressão, do campo da biologia para o campo das ciências sociais, a fim de explicar a vida das pessoas em sociedade e justificar a divisão social do trabalho. A história mostra que ideólogos racistas se apropriaram da teoria da seleção natural das espécies com o objetivo de explicar a desigualdade social como algo “natural”. Outro sentido e o que nos interessa discutir neste texto, para capturar a dinâmica da vida cotidiana dos nossos sujeitos concretos, são as lutas pela vida e de classes, fundamentadas na centralidade do trabalho. Compreendemos o trabalho como uma atividade criadora e educativa, na sua origem, e a sua configuração opressora, da maneira que o conhecemos no mundo capitalista, como uma atividade que explora e aliena homens e mulheres trabalhadores (as).

Os depoimentos das mulheres demonstram que a história de vida delas e da sua família é escrita segundo as possibilidades e circunstâncias que lhes são impostas diretamente pela sociedade, construídas em função das desigualdades de classe em condições estruturais e históricas. A luta diária dessas mulheres decorre do modelo de exploração capitalista, que “consiste na cisão operada entre o trabalho necessário e o sobretrabalho, e essa é uma cisão no interior do tempo de trabalho despendido durante o processo produtivo” (BERNARDO, 1991, p. 59). A apropriação privada do tempo de trabalho (mais-valia) dos trabalhadores pelo capital resulta na exploração de classe. O excedente da produção é apropriado por quem detém o controle do tempo de trabalho.



Essas afirmativas podem ser exemplificadas pelo tempo de trabalho dedicado na roça de subsistência e no trabalho doméstico, que não suprem as necessidades de sobrevivência das pessoas, que têm de se sujeitar voluntariamente a vender o tempo de trabalho para outros. Podemos citar ainda as atividades assalariadas que são desenvolvidas nas terras de fazendeiros e nos centros urbanos (construção civil e emprego doméstico), como também as atividades sem remuneração (trabalho doméstico, cuidado com a horta e pequenos animais) que sustentam a reprodução da força de trabalho.

A capacidade de luta coletiva das mulheres pesquisadas está presente nas ações da Associação de Pequenos Agricultores (depoimento de Sandra), como alternativa de reivindicação por melhoria das condições de trabalho e permanência na terra, com a captação de recursos públicos para a construção de cisternas coletivas, canteiros produtivos, compras de equipamentos. Apesar dos resultados positivos alcançados com as lutas pela vida, com a produção associada, a contradição persiste nas diferentes formas de exploração da força de trabalho com a “polarização social entre os que permanentemente perdem o controle da forma de produção do excedente e da sua apropriação e os que delas se apoderam.” (BERNARDO, 1991).

Assim, compreendemos que só é possível entender a luta pela vida das mulheres, inserindo-a nas relações sociais capitalistas. Enguita (1993, p.92), citando Marx, explica que “o indivíduo é o que a sociedade faz dele” e o seu reconhecimento repousa nas contradições da divisão social do trabalho. Como resultado, é dada a “divisão natural do trabalho na família e na separação da sociedade em diversas famílias opostas (...) e, com efeito, a distribuição desigual, tanto quantitativa como qualitativamente, do trabalho e de seus produtos.” (MARX e ENGELS, 1982, p. 46).

Para darmos conta dessa análise é necessário partir da história dos indivíduos nas suas condições materiais de existência. O trabalho é a categoria de análise fundamental para o entendimento do modo de produção da existência do homem. Marx e Engels (2007, p. 32-34) explicam que o primeiro ato histórico da existência humana é a produção dos meios que possibilitam a satisfação das necessidades básicas da vida material, como comer, beber, vestir-se e a produção da própria vida, que tem de ser



cumprida diariamente, até hoje, para manter homens e mulheres vivos. Satisfeitas essas necessidades, as ações seguem no intuito de realizar novas necessidades, ao tempo em que homens e mulheres se relacionam mutuamente, procriando, formando famílias, constituindo-se na gênese da primeira relação social. À medida que surgem outras necessidades, e a população cresce, são geradas novas relações sociais.

O trabalho como a principal atividade humana sempre esteve presente na vida de mulheres e homens. É um meio pelo qual a humanidade busca suprir suas necessidades de sobrevivência, decorrente de um processo que sofre constantes mudanças ao longo do tempo e pode ser observado de várias maneiras em diferentes momentos históricos. Dessa maneira, “o trabalho é um processo entre homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo defronta com a matéria natural como uma força natural (...). Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem” (MARX, 1985, p. 149). “Trabalho é, em Marx, termo historicamente determinado, que indica a condição da atividade humana no que denomina *economia política*” (MANACORDA, 2007, p. 58).

Saviani (2007, p. 154) esclarece que o trabalho e a educação estão amplamente inter-relacionados. No ato de produzir a sua própria existência, os homens aprendem, uma vez que o atendimento das suas necessidades não é garantido somente pela natureza. No processo de formação do homem em homem, ele aprende a trabalhar trabalhando, lidando com a natureza, relacionando uns com os outros e desse modo educam as novas gerações. “A produção da existência implica o desenvolvimento de formas e conteúdos cuja validade é estabelecida pela experiência, o que configura um verdadeiro processo educativo.” Nessa mesma direção, Manacorda também esclarece que “(...) grande parte do que transforma o homem em homem forma-se durante a sua vida, ou melhor, durante o seu longo treinamento para tornar-se ele mesmo, em que se acumulam sensações, experiências e noções (...)”.

A educação do homem em homem acontece por intermédio de relações que estabelece com a natureza e com outros homens, a fim de construir os meios de



subsistências para atender as necessidades. A luta pela vida mediada pelo trabalho e educação se faz presente nessa relação em diferentes espaços sociais, a exemplo do espaço vivido por grupos familiares em comunidades rurais, o qual abrange o lugar da casa, da roça e do quintal, ou do local do trabalho extra doméstico.

Quando passamos a observar a articulação entre trabalho e educação no sistema do capital, inferimos que o trabalho se transforma em uma realidade estranhada e alienada aos indivíduos, originada da divisão social do trabalho (propriedade privada), pela qual alguns homens impõem a outros homens as condições em que deveriam trabalhar, degradando as diversas esferas sociais e formas de trabalho. As consequências dessa degradação fundamentada na propriedade privada e na opressão classista e sexista incitam a competição entre pessoas e grupos particulares. A educação por sua vez, nos marcos do desenvolvimento histórico da sociedade classista, desumaniza o homem pela divisão do trabalho (MARX apud SUCHODOLSKI, 2010), quando utilizada como forma de adaptar o homem às exigências do capital. Ou seja, desempenha um papel no processo de formação de “uma classe de trabalhadores que, por educação, tradição, costume, reconhece as exigências daquele modo de produção como leis naturais evidentes. A organização do processo capitalista de produção plenamente constituído quebra toda a resistência (...)” (MARX apud LOMBARDI, 2011, p. 116), destruindo a relação dos indivíduos com o trabalho.

Frente à realidade alienada da classe trabalhadora e sem perder de vista a totalidade, seguimos numa perspectiva feminista de análise, na qual os sujeitos concretos selecionados para investigar são as mulheres. No que diz respeito ao trabalho desenvolvido por elas, em que pese à exploração sofrida pelos homens, para Safiotti (1979) a tradição de inferioridade, da qual tem sido vítima historicamente a mulher, contribuiu para uma maior exploração e intensificação do trabalho, do prolongamento da jornada de trabalho e de salários mais baixos do que os do homem. Em muitos países, leis regulamentam o direito do trabalho, impondo normas que decretam salário igual para trabalho igual, entretanto os salários das mulheres, principalmente das mais pobres são sempre menores do que os dos homens, desigualdade que vem em razão de



elas ocuparem as posições mais precárias e mais mal remuneradas. (LAGRAVE, 1991; ABRAMO, 2007).

Os depoimentos das mulheres das comunidades rurais demonstram essa realidade.

É eles trabalham na roça, caça lenha faz essas coisas, já limpar a casa, lavar a roupa eles não fazem não, os homens nenhum, nem pai nem filho homem. Os homens ganham mais que as mulheres. Se você for trabalhar um dia, uma pessoa falar vamos trabalhar pra mim, o dia deles é mais que o da gente. (Zeilda<sup>2</sup>, 05/10/2013)

Sobre o papel do homem e da mulher na sociedade, quem trabalha mais. A gente sabe às vezes que muitos sabem que as mulheres trabalha igual os homens, as vezes, tem mulher que trabalha faz até mais trabalho que o homem. (Cleidiane, 31 anos, 05/10/2013)

Em que pese à longa história<sup>3</sup> por trás da exploração sofrida pelas mulheres em geral, a nossa pesquisa opta por estudar mulheres rurais no grupo familiar com o objetivo de entender os papéis produtivos e reprodutivos desempenhados por elas, especialmente o trabalho doméstico vinculado às atividades de subsistência. Em outra oportunidade, apresentamos essa discussão quando buscamos articular o tema com as relações entre o trabalho e a educação.

As relações entre o trabalho e a educação no espaço rural, especialmente nas unidades de produção tradicional, estão determinadas pela associação entre atividades produtiva e reprodutiva, na qual a posição da mulher adquire um caráter singular. Nas articulações estabelecidas no núcleo de produção familiar onde o trabalho doméstico (o cuidado com a casa, as crianças, os velhos e o quintal) divide o mesmo lugar com as atividades voltadas para o mercado, é essencial a participação do trabalho da mulher na atividade econômica. É por meio dessas relações entre homens e mulheres nas duas dimensões do trabalho no espaço rural, doméstico e extra doméstico, enfim, que acontece a socialização de conhecimentos coletivos. A garantia de sobrevivência da família, então, tem como eixo central a transmissão de experiências, de práticas de trabalho entre seus membros. (ALVES, 2013, p. 245-246)

---

<sup>2</sup>Não temos informação acerca da idade da entrevistada.

<sup>3</sup> Para outras informações sobre a história das mulheres observar a coleção organizada por G. Duby e M. Perrot (1990; 1991). Na oportunidade, vale ressaltar que publicamos texto referenciando autores que tratam sobre o tema Alves (2013).



Na perspectiva das nossas mulheres entrevistadas, quando indagamos a elas sobre as condições de trabalho, a educação, o seu dia a dia, como vivem e as formas de sobrevivência, a luta diária na realização do trabalho doméstico é presente em praticamente todos os depoimentos. Diante disso, podemos ressaltar a importância da categoria trabalho doméstico, evidenciando que é algo fundamental da parte do “ser” mulher e não se dissocia da sua rotina de vida.

O trabalho doméstico é uma atividade que sempre esteve presente na vida humana desde a sua existência. Dessa forma, é impossível pensar no trabalho como atividade exclusivamente humana sem incluir o trabalho doméstico, pois a mulher sempre exerceu esse trabalho, contribuindo de modo significativo para o processo do trabalho e a reprodução da força de trabalho. Dessa maneira, “o trabalho doméstico tem jogado um papel-chave na produção dos meios de vida da humanidade e, ao mesmo tempo, tem sido um dos modos concretos mais generalizados de manifestar a vida” (ALBARRACÍN, 1999, p. 44). Schwebel (2009) define “o trabalho doméstico como um conjunto de tarefas relacionadas ao cuidado das pessoas e que são executadas no contexto da família-domicílio conjugal e parentela – trabalho gratuito realizado essencialmente por mulheres” (p. 257).

Ainda, segundo Schwebel (1999) “a ideia mais frequentemente assimilada é da definição do trabalho doméstico como conjunto de tarefas realizadas no terreno familiar (sem que esteja claramente definido se se trata da família conjugal ou do conjunto da parentela), trabalho gratuito efetuado essencialmente pelas mulheres” (p.62).

Nessa perspectiva, o trabalho doméstico no decorrer da história da humanidade se tornou parte essencial no processo de trabalho, mesmo que por muitas vezes o seu valor seja negado. Contudo, sabemos que essa atividade é exercida quase exclusivamente por mulheres e, por esse motivo, acaba não sendo valorizada, pois não é reconhecida como trabalho, e, sim, como uma obrigação feminina para com a instituição familiar. Dessa forma, “[...] quando os mesmos bens são produzidos fora da família, o trabalho que os produz é remunerado e, inversamente, o trabalho das mulheres permanece gratuito até mesmo quando sua produção é objeto de troca no mercado...” (SCHWEBEL, 2009, p. 257). Assim, “o trabalho doméstico é a vertente do trabalho dedicado a produzir meios



de subsistência; uma parte do trabalho necessário. Não importa que não seja medida nas estatísticas; é tão fundamental como a outra, que é medida...” (ALBARRACÌN, 1999, p. 44).

O trabalho doméstico é algo primordial, prioritário e essencial na vida das moradoras das comunidades, cuja constatação é evidenciada em uma passagem da entrevista de Evanir<sup>4</sup>: “é muito importante né, o trabalho, que a gente trabalha na casa da gente, a gente luta né, trabalha, faz tudo certinho em casa, é muito importante né. A gente tem força pra trabalhar. É muito importante o trabalho”. (Entrevista realizada em 05/10/2013)

Em outra entrevista, observamos como o trabalho das mulheres já foi e é marcado por uma constante luta e sofrimento diante das condições precárias, situação que é bem enfatizada por D. Neuza<sup>5</sup> em um trecho da sua entrevista: “que eu nunca corri do carregamento de serviço não, agora eu só acho assim, duro é ocê trabalhar num solão, que nem nois já trabalhou pra ganhar mixaria, igual nois ganhou, e isso aí é duro. Agora, pra dizer assim que eu tenho medo de serviço, tenho não”. (Entrevista realizada em 05/10/2013)

As mulheres das comunidades vivem com bastante dificuldade e luta, como diz Rosania “luito (sic) muito, mas bem”. (34 anos, entrevista realizada no dia 02/07/2012). A maioria das entrevistadas não tem opção de exercer trabalho remunerado; ocupam-se do trabalho doméstico, cuidando dos filhos e realizando atividades na roça, uma vez que os maridos quase sempre estão em outras localidades à procura de trabalho. Nas comunidades, a oferta de trabalho remunerado é praticamente nula, a não ser quando é época da colheita de café, que é uma atividade temporária e paga por produtividade, como conta Juliene em um trecho de sua entrevista: “(A colheita de café) (...) Paga pela lata, à lata... quando nois (sic) tava trabalhando tinha uma roça que pagava de três reais, e ontem nois (sic) foi e tava pagando de dois e cinquenta, o café ta fraco! Ontem nois pegou oito lata a dois e cinquenta.” (Entrevista realizada em 13/06/2012)

---

<sup>4</sup>Não temos informação acerca da idade da entrevistada.

<sup>5</sup>Não temos informação acerca da idade da entrevistada.



Como as possibilidades de atividades remuneradas fora da casa são raras, as mulheres cuidam da terra e dos filhos enquanto os maridos vão trabalhar em outros lugares. Os maridos, no período em que estão trabalhando fora de casa, juntam dinheiro e mandam para ajudar no sustento da família, como é o caso do marido de Juliene:

Ele tá trabalhando no Maranhão (...). (...) Deve ser ajudante, trabalhava carregando (...) vidro... essas coisas sabe, aí ele foi pra lá trabalhar, aí a gente construiu a casa. (...) Quem levantou a casa foi os pedreiros daqui mesmo, mas que ajudava mais era eu, trabaiava igual homem, precisava de ver, eu era igual homem, eu trabalhava (...). (33 anos, entrevista realizada em 13/06/2012)

As mulheres entrevistadas trabalham de sol a sol: levantam muito cedo, buscam água com um balde na cabeça, cortam lenha, realizam o trabalho doméstico, cuidam da roça... São verdadeiras guerreiras, constatação que é evidenciada na fala de Tereza<sup>6</sup>: “eu faço de tudo um pouco, eu trabalho aqui em casa, levanto seis horas, arrumo minha filha Letícia que estuda lá na Lagoa Dantas; lavar louça, varrer casa, varrer quintal, lavar roupa, fazer almoço, isso assim, essas coisas que a dona de casa faz” (Entrevista realizada em 05/10/2013). Nesse momento, é que percebemos como o trabalho doméstico está “enraizado” na rotina dessas mulheres.

Concluimos, então, que o trabalho e a educação dos sujeitos da nossa pesquisa estão entrelaçados na luta pela vida nas atividades da roça e, principalmente, pelo desenvolvimento do trabalho doméstico. Os padrões tradicionais da organização familiar responsabilizam as mulheres pelas atividades do lar. No meio rural, essas atividades são desdobradas pelas tarefas fora de casa (trabalho na roça, cuidado com os animais), fundamentais para a subsistência do grupo familiar. O valor do tempo de trabalho despendido por elas na labuta diária não é remunerado, ou seja, não produz valor. É neste ponto que estão presentes a contradição e o conflito. Blay (1975, p.4) explica que não é somente o “valor do trabalho assalariado masculino que sustenta a sua família, mas a soma deste valor mais o valor não remunerado do trabalho de sua mulher que são responsáveis por esse sustento”. A sociedade marginaliza o trabalho doméstico

---

<sup>6</sup>Não temos informação acerca da idade da entrevistada.



e esconde o seu valor para o sistema do capital, que é essencial para a reprodução da força de trabalho.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução Alfredo Bosi e Ivone C. Benedetti. S.P.: Martins Fontes, 2007.
- ALBARRACÍN, Jesus. **O trabalho doméstico e a lei do valor**. In: FARIA, Nalu et al (Orgs). **O trabalho das Mulheres**. São Paulo: SOF, 1999.
- ABRAMO, Laís. **Inserção das mulheres no mercado de trabalho na América Latina: uma força de trabalho secundária?**. In: HIRATA, Helena; SEGNINI, Liliana (Orgs.). **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: Editora Senac, 2007.
- ALVES, A. E. S. **Divisão sexual do trabalho: a separação da produção do espaço reprodutivo da família**. Trabalho, Educação e Saúde (Online), v. 11, p. 271-289, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v11n2/a02v11n2.pdf>
- ALVES, A. E. S. **O trabalho e a educação de mulheres em comunidades rurais: práticas de reprodução social**. In: BATISTA, Eraldo Leme; MULLER, Meire Terezinha. (Org.). **A Educação profissional no Brasil: história, desafios e perspectivas para o século XXI**. 1ed. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2013, v. 1, p. 235-256.
- BERNARDO, J. **Economia dos conflitos sociais**. S.P.: Cortez, 1991.
- BLAY, E. Trabalho industrial X Trabalho doméstico: a ideologia do trabalho feminino. **Cadernos de Pesquisa**, 15. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/276.pdf>
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente: a antiguidade**. Tradução de M<sup>a</sup> Helena da C. Coelho, Irene M. Vaquinhos, Leontina Ventura e Guilhermina Mota. Porto, PT: Afrontamento, 1990. (v.1)
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente: do renascimento à Idade moderna**. Tradução de Alda M<sup>a</sup> Durões. E. Gonçalves, J. Barrote, J.S. Ribeiro, M<sup>a</sup> C. Torres e M<sup>a</sup> C. Moreir. Porto, PT: Afrontamento, 1991. (v.3)
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente: o século XIX**. Tradução de Claudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto, PT: Edições Afrontamento, 1991. (v.4)
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente: o século XX**. Tradução Alda M<sup>a</sup> Durões er AL. Porto, PT: Afrontamento, 1991. (v.5)
- ENGUITA, M. **Trabalho, Escola e Ideologia - Marx e a crítica da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- LAGRAVE, Rose-Marie. **Uma emancipação sob tutela**. Educação e trabalho das mulheres no século XX. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres**



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

**no Ocidente: O século XX.** Tradução de Alda Maria Durães et al. Porto, PT: Edições Afrontamento, 1991, p. 505-550.

LOMBARDI, J. C. **Educação e Ensino na obra de Marx e Engels.** Campinas, SP: Alínea, 2011.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna.** Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

MARX, K e ENGELS, F. **A ideologia alemã.** 3 ed. Tradução de J. C. Bruni e M. A. Nogueira. São Paulo: Ciências Humanas, 1982.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã.** Tradução de R. Enderle, N. Schneider e L.C. Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K. **O Capital** - Crítica da Economia Política. In: Coleção "Os economistas", v. 1. 2 ed. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

SCHWEBEL Dominique. **Trabalho doméstico.** In: HIRATA, Helena et al. (Org.). Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Unesp, 2009, p.256-257.

SCHWEBEL, Dominique. **Trabalho doméstico, serviços domésticos.** In: FARIA, Nalu et al (Orgs.). **O Trabalho das Mulheres.** São Paulo: SOF, 1999.

SUCHODOLSKI, Bogdan. **Teoria marxista da educação.** In: WOJNAR, I; FERREIRA, J. Mafra (org.). **Recife:** Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010. p. 51-143.

Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4662.pdf>. Acesso em: 01/03/2015.